



**Comunidade de
Aprendizagem**

**Este material foi elaborado pelos
concluintes da certificação de formadores
em Comunidade de Aprendizagem
realizado em 2016.**

**TEMA: Princípios da
Aprendizagem Dialógica.**



Comunidade de
Aprendizagem

Palavras que embalam: o papel do gestor na implementação do Comunidade de Aprendizagem

Cristina Alves de Souza Cardoso

Resumo

O presente relato mostra a vivência do formador local na Fase de Transformação das escolas que decidiram se converter em uma Comunidade de Aprendizagem, embasadas no princípio da Solidariedade e do Diálogo Iguatário. Adotou-se como metodologia a vivência *in loco* nas escolas e mais precisamente da escola municipal Dalila Lopes da Silveira, do município de Serra do Salitre, Minas Gerais.

OBJETIVO

Este artigo busca relatar e refletir sobre o envolvimento dos gestores e educadores das escolas em transformação dentro do projeto Comunidade de Aprendizagem, com base no princípio da solidariedade.

Introdução

Tenho um questionamento, fruto de uma grande inquietação, que não é só minha, mas de toda a sociedade: “Por que num certo momento a escola parou de cumprir o seu papel?”. Minha reflexão se inicia com base nas metodologias de ensino e na didática não empírica que são ensinadas nos cursos de formação, mas que consideram um aluno idealizado e nunca o contexto no qual aquele educando está inserido, tampouco a sua aplicação na prática, comprovando a sua eficácia e alcançando a todos que, em sua ampla diversidade e individualidades, formam as salas de aulas que nós, educadores, lidamos dia a dia na prática.

A escola que ainda se propõe e resiste como um dos poucos lugares de reflexão e de transformação social deixou de se inter-relacionar e começa a “fechar os olhos” para a realidade, porque sozinha não consegue ao menos compreender os motivos e os porquês do fracasso escolar, da indisciplina, da evasão, da falta de envolvimento dos familiares, e então passa a compartilhar o papel que a sociedade se propôs, considerando apenas o aluno como um ser que não reclama, não pergunta, não questiona e simplesmente passa a ser apenas um número que reflete os indicadores de ensino-aprendizagem tão considerados pela comunidade escolar:

O papel da escola é formar cidadãos para o mundo, um mundo diversificado, desigual e contrastante. Após décadas de alienação, começa a se questionar o porquê e o que ensinar. Não se fazia necessário mais formar apenas operários preparados a executar a função a eles imposta em uma determinada linha de produção. Surge então a sociedade da informação, em que todos, rapidamente, e de várias maneiras, têm acesso a diferentes culturas e formas de expressão de contextos diversos, provocando intensa mudança social. E a escola, como um instrumento dessa sociedade, precisa se adaptar às mudanças no processo ensino-aprendizagem, uma vez que as relações mudam a partir das atitudes das pessoas. O educador não necessariamente passa a ter respeito apenas por sua função, assim como em qualquer outra profissão. O respeito é inerente à sua função, seja ela qual for. São suas atitudes que, de forma relevante ou não, constituem o seu respeito.

Desenvolvimento do trabalho

I. A MUDANÇA QUE COMEÇA NA ESCOLA

A Comunidade de Aprendizagem é um projeto de transformação social e cultural que tem início na escola, mas que se expande para toda a comunidade a partir da participação de familiares e voluntários nas decisões e atividades da escola. Seu objetivo é superar as desigualdades sociais, melhorando os resultados de aprendizagem dos alunos e a convivência. Embasa suas ações nos princípios da aprendizagem dialógica, que são: diálogo igualitário, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental, igualdade de diferenças e inteligência cultural. E pretende alcançar seu objetivo por meio da eficácia, da equidade e da coesão social, o que consiste em investir na melhoria dos resultados da aprendizagem de todos os alunos com a participação de toda a comunidade.

Esse projeto parte da premissa da tomada de decisão da comunidade escolar, a qual se propõe a iniciar um processo de transformação social e cultural partindo da escola para toda a comunidade, com a participação de familiares e voluntários nas decisões e atividades da escola.

O desafio nesse momento é levar à escola e principalmente ao educador a compreensão de que as concepções que embasam a sua formação e principalmente sua prática na sala de aula não são mais suficientes para atender a essa sociedade da informação, e mais além: de que essa visão deve ser o ponto de partida para o reconhecimento de uma necessidade de mudança e transformação da escola numa Comunidade de Aprendizagem. Sair da posição de que o aluno não aprende porque não tem interesse, ou de que a família não participa da vida escolar do seu filho e, o mais grave ainda, de que os atuais professores não têm uma boa formação são justificativas que reforçam o erro. A mudança acontece à medida que compreendo que a transformação é um processo do eu para o mim, ou seja, do que eu

quero e sinto e do que esses sentimentos causam a mim a partir das interações com o outro. E essas interações se constroem através das relações humanas em sua diversidade e especificidades, pautadas no diálogo igualitário, na igualdade de diferenças e, principalmente, na solidariedade.

Quando a escola decide se transformar numa Comunidade de Aprendizagem é necessário que se entenda que a mesma irá passar pelas fases de transformação e aplicar as Atuações Educativas de Êxito, que incorporam os princípios da aprendizagem dialógica. Esse processo de transformação pode acontecer de diferentes formas, cada escola passa por eles de maneira única e particular. O importante é que o interesse principal seja a melhora dos resultados para todos os alunos, garantindo a eficácia, equidade e coesão social.

As fases são as seguintes: sensibilização, tomada de decisão, sonho, seleção de prioridades e planejamento. Esses momentos são reveladores e determinam o caminho que a escola irá trilhar para se transformar numa Comunidade de Aprendizagem.

2. PESSOAS TRANSFORMADORAS

Todo processo de transformação requer uma liderança que acredita e inspira sua comunidade. Esses atores atuam diretamente com a comunidade escolar e podem contribuir para o sucesso ou o fracasso da transformação de suas escolas no processo de transformação das mesmas em Comunidades de Aprendizagem. Ocupar esse lugar é desafiante, é necessário saber ouvir, calar, mas, acima de tudo, “falar”, pois é através dos relatos que esses agentes solidarizam toda a comunidade a ter esperança de que essa transformação é possível.

Para dar mais sentido a essa análise reflexiva, relato a minha experiência como formadora em seis escolas do município de Serra do Salitre, escolas que estão passando pelas fases de transformação e encontram-se na fase de seleção de prioridades. De maneira especial, relato minha experiência nesse contexto através de depoimentos e

relatos de pessoas que são um apoio fundamental para o sucesso do Comunidade de Aprendizagem. Palavras que embalaram a escola municipal Dalila Lopes da Silveira. A gestão experiente e ponderada de sua diretora motiva e comove tanto os funcionários da escola quanto a comunidade ao longo de quase dez anos.

Lembro-me da primeira reunião de retomada da sensibilização meses depois de as escolas terem decidido se transformar; a ansiedade e o receio dos professores em se proporem em algo tão “utópico” e desconhecido causavam certo medo e receio entre eles.

A presença daquela diretora junto à formadora local transformou o medo e a angústia em necessidade de transformação e vontade de tentar mudar sua prática diária e até de sentir esperança em ter a família junto da realidade escolar de seus filhos. Às vezes, mais do que teorias e pesquisas que embasam e reforçam as práticas de um projeto, bastam apenas palavras de fé e encorajamento: “Somos uma escola carente de recursos, de infraestrutura, mas somos uma equipe que se propõe sempre a fazer o melhor juntos, por isso acredito que devemos tentar a transformação, mas de forma madura, responsável e com os pés no chão”, disse a gestora nessa reunião com os funcionários da escola.

A formação da formadora, sustentada a partir de uma base teórica consolidada e em Atuações Educativas de Êxito, só motivou aquelas professoras quando aquela diretora se solidarizou com a causa que ali defendia e na qual, acima de tudo, acreditava. Uma pessoa motivada e envolvida numa causa faz diferença, mas duas pessoas de mãos dadas em prol de um mesmo objetivo inspiraram e acalmaram aquelas professoras, criando sentido e tocando os seus corações.

3. A SOLIDARIEDADE EM PALAVRAS

A solidariedade está presente em situações de aprendizagem que privilegiem relações horizontais, de igualdade, equilibradas e justas. Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num

mesmo projeto, fica muito mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades. A palavra solidariedade tem origem no francês *solidarité* e constitui um ato de bondade com o próximo e também um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo, que pode remeter a uma responsabilidade recíproca. Esse sentimento de corresponsabilidade é fundamental para que educadores, familiares e voluntários acreditem nas suas capacidades e no projeto Comunidade de Aprendizagem.

Todo projeto educativo que pretende ser igualitário tem que estar embasado na solidariedade. O ensino solidário só é possível quando as pessoas envolvidas são movidas por ações que beneficiam a educação e criam condições para que todos aprendam, ou seja, agir de forma que todos tenham os mesmos direitos e as mesmas condições de ensino-aprendizagem. E isso envolve também o entorno da escola. Quando toda a comunidade está envolvida solidariamente num mesmo projeto, fica muito mais fácil transformar as dificuldades em possibilidades, melhorando assim as condições culturais e sociais de todas as pessoas. “Escola é lugar onde se faz amigos. Onde todos devem ser tratados da mesma forma e com o mesmo valor; que façamos da nossa vida uma missão para ajudar os outros.”, relato de uma educadora que participava da reunião de retomada da sensibilização, na escola municipal Dalila Lopes da Silveira.

A presença da formadora local, que deve ser um apoio nesse processo, e do gestor escolar da comunidade, faz que as pessoas daquele ambiente se envolvam e abram o coração para algo novo; é o trabalho colaborativo, corresponsável e o pertencimento a um mesmo lugar e com os mesmos sonhos. Para Freire (1996, p. 92), “Me movo como educador, porque primeiro me movo como gente”, não posso transmitir aquilo que não sou; a boa prática de um educador está pautada na impossibilidade de separar a autoridade de liberdade, a ignorância de saber, o respeito do professor do respeito ao educando, o ensinar de aprender. Esse movimento permite que todas as fases de Transformação sejam orientadas numa aprendizagem dialógica e solidária, pois esta começa de dentro para fora. Do que eu sou àquilo que me proponho a ser.

Assim o formador passa a ser apenas mais um agente desse processo de transformação dialógica que deve embasar sua atuação em conhecimentos científicos baseados em evidências empíricas e comprovadas nas teorias do projeto Comunidade de Aprendizagem. Mas nenhuma dessas têm importância se tanto o formador quanto a comunidade escolar não pautarem suas ações no princípio da solidariedade.

Considerações finais

Poderia relatar inúmeros fatos que aconteceram nessa escola, assim como nas outras cinco de Serra do Salitre, porém, o que me motiva como formadora local é a certeza de que, independentemente do contexto social, das necessidades e da realidade de cada escola, todas vão ao encontro da Comunidade de Aprendizagem, por perceberem a necessidade de mudança tanto da prática como educador, quanto da dignidade da pessoa humana. De acordo com Freire (1996, p. 24), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. A escola ainda é um dos únicos espaços dialógicos, e acessíveis que a comunidade escolar encontra para tentar diminuir as desigualdades sociais e garantir a igualdade das diferenças.

A escola que decide se transformar e que se propõe a sonhar acredita que as pessoas e a sociedade podem mudar, e que a mesma é um agente de mudança e não de reprodução. Acredita que os ideais e as altas expectativas são a força dessa mudança. Todo projeto educativo ou social que melhora a educação partiu de uma utopia. Acredita que quem é solidário faz uma grande transformação em si mesmo. Acredita que é a transformação do entorno e não sua adaptação a ele que produz a melhora das aprendizagens. Como diria Freire (1996), “A educação, na verdade, precisa tanto de formação técnica e científica como sonhos e utopia”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

INSTITUTO Natura. Comunidade de Aprendizagem. Disponível em: <www.comunidadeaprendizagem.com>. Acesso em: 14 maio 2017.

VYGOSTKY, Lev Semenovich. *A formação Social da mente*. São Paulo: Ed. ISBN, 2007.



Comunidade de
Aprendizagem

Comunidades de Aprendizagem: o princípio da criação de sentido pelo viés da aprendizagem dialógica

Zeneida Elaine Ribeiro Holanda

Resumo

*Como presença consciente no mundo não posso escapar à
responsabilidade ética no meu mover-me no mundo.*

Paulo Freire

Introdução

Comunidades de Aprendizagem é um projeto que objetiva, antes, a igualdade, a equidade e a coesão social através - e a partir - da educação, porém envolvendo todos os personagens que compõem a escola, e não somente professor e aluno. Ou seja, todas as crianças/adolescentes devem ter assegurado o direito de aprender e, através desse direito, lograr êxito em seus estudos, melhorar seus resultados de aprendizagem, além de perceber seu lugar e seu papel no mundo e na sociedade.

As Comunidades de Aprendizagem propõem, portanto, aos alunos, garantia da igualdade de oportunidades e altas expectativas em todas as dimensões do ser humano. Para tanto, os fundamentos científicos estão, essencialmente, no conceito de aprendizagem dialógica, de Ramón Feixa, na dialogicidade pedagógica, de Paulo Freire, nos atos comunicativos, de Habermas, e nas interações sociais, de Vygotsky. Como se percebe, as bases científicas notoriamente se complementam em seus conceitos, mas coadunam-se em um aspecto comum – o diálogo.

Assim, uma escola transformada em Comunidade de Aprendizagem preza, em todas as suas ações, pelos sete princípios da aprendizagem dialógica: diálogo igualitário, inteligência cultural, transformação, criação de sentido, solidariedade, dimensão instrumental e igualdade de diferenças.

Neste trabalho, será apresentado o princípio da criação de sentido em contextos próprios da Aprendizagem Dialógica em Comunidades de Aprendizagem. Ressalte-se que não há, entre os sete princípios, nenhum que se sobreponha a outro – ao contrário, eles se interligam e se inter-relacionam. Compreendemos, porém, a criação de sentido como circundante de ações que vão desde a etapa dos sonhos até a participação dos familiares na escola; vão desde a participação efetiva

nos grupos interativos pelos alunos até a participação efetiva dos professores nas tertúlias pedagógicas, por exemplo. Consideramos que é somente a partir dos sentidos construídos por cada pessoa que compõe a escola que esta passa a ser, de fato, transformada em Comunidade de Aprendizagem.

Desenvolvimento do trabalho

Segundo Constantino, Marigo e Moreira (2011), os princípios da aprendizagem dialógica são como uma orientação “à superação de desafios sociais e educativos”.

Socialmente, vivemos na chamada “Sociedade da Informação”, um espaço de convivência de múltiplas culturas, múltiplos saberes, múltiplas possibilidades – envolvidos por uma impressionante rapidez no acesso a toda essa multiplicidade.

Ademais, sob a ação da globalização em todos os âmbitos da vida, a sociedade da informação cria, por um lado, novos parâmetros de risco e perigo, e, por outro, possibilidades benéficas para a humanidade e para a convivência entre diferentes culturas. Com caráter multicultural, as demandas reflexivas dessa sociedade transcendem os limites das atividades produtivas e se estendem também aos âmbitos cotidianos de vida. (CONSTANTINO; MARIGO; MOREIRA, 2011)

Com a disponibilidade de tantas alternativas de um mundo efervescente e pulsante, cada vez mais a escola precisa ter sentido para o aluno. Peca o educador que tenta competir com esse mundo brevemente descrito acima, afinal, a escola não tem que disputar espaço com a sociedade, ela tem que fazer parte da sociedade e vice-versa. Para que a escola seja um espaço significativo para o aluno, ela precisa estar vinculada à vida desse aluno, aos seus gostos, seus desafios e até mesmo à comunidade em que vive.

Uma escola transformada em Comunidade de Aprendizagem sonha. E sonha alto. E sonham todos. Mas os sonhos não se limitam ao devaneio – os sonhos serão o primeiro passo para a construção de uma nova realidade; o horizonte traçado para se chegar onde se deseja.

Mas o que motiva um aluno a sonhar? O que motiva professores e gestores a sonharem? O que motiva pais a sonharem? A razão para essas motivações está no próprio sonho, que muitas vezes se repete em escolas diferentes: “Eu quero que meu filho se torne um homem de bem”, “Sonho com uma escola em que alunos sejam mais participativos”, “Uma escola que se destaque por seus resultados”. Os desejos sonhados fazem parte da própria formatação de um significado para a escola em diferentes perspectivas – a dos alunos, dos pais, dos professores, dos gestores e da própria comunidade. A escola passa a ser palpável, real, verdadeira – porque também é pulsante, viva e significativa.

O princípio da criação de sentido inicia-se, portanto, no momento em que uma nova concepção de escola é formada e perpassa todas as suas ações, inclusive – e essencialmente – pela ação de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a dialogicidade entre professor e aluno deve ser algo vinculado à prática educativa.

Cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros. Viver ou encarnar esta constatação evidente, enquanto educador ou educadora, significa reconhecer nos outros [...] o direito de dizer a sua palavra. Direito deles de falar a que corresponde o nosso dever de escutá-los. De escutá-los corretamente, com a convicção de quem cumpre um dever e não com a malícia de quem faz um favor para receber muito mais em troca. Mas, como escutar implica falar também, ao dever de escutá-los corresponde o direito que igualmente temos de falar a eles. Escutá-los no sentido acima referido é, no fundo, falar com eles, enquanto simplesmente falar a eles seria uma forma de não ouvi-los. (FREIRE, 2003, p. 26)

Paulo Freire coloca o diálogo como uma questão que ultrapassa a teoria pedagógica – é uma concepção de vida e de respeito ao outro –, é um princípio da prática educativa. O significado colocado na aprendizagem exige essa postura dialógica por parte do professor e da escola, porque cada sentido criado é uma experiência única e pessoal, que pode tornar a aprendizagem algo natural e desejável.

Não é o professor que “dá sentido” para o aluno estudar, aprender algo ou permanecer na escola. É o aluno que cria o sentido de aprendizagem. O professor apenas propicia caminhos para que isso ocorra, despertando no aluno a curiosidade do objeto a ser estudado, como explicita o conceito do princípio em questão no portal das Comunidades de Aprendizagem:

Um dos maiores problemas nas escolas atuais é a desmotivação de muitos estudantes, que não encontram sentido para participar das aulas. Esse problema já foi identificado e debatido por muitos autores. Freire, por exemplo, reconhece que o ensino é distanciado das experiências que os alunos vivem fora da escola; os professores criam um ambiente hostil e não se interessam pelo que meninos e meninas vivenciam. O sentido se constrói quando as contribuições e diferenças culturais são tratadas de modo igualitário e o aluno sente que a escola valoriza sua própria identidade.

Significa possibilitar um tipo de aprendizagem que parte da interação e das demandas e necessidades das próprias pessoas. Quando a escola respeita as individualidades de seus alunos, garantindo o seu sucesso na aprendizagem, o estudante finalmente vê sentido naquilo que está aprendendo. Fomentar a criação de sentido melhora visivelmente a confiança e o empenho dos alunos na busca de suas realizações pessoais e coletivas. (INSTITUTO..., [s.d.]

Entretanto, oportunizar situações em que o aluno consiga criar sentido em sua aprendizagem exige do professor um esforço a mais além daquele de repassar o conteúdo; exige que o professor também queira sair de sua zona de conforto para alcançar seu sonho; exige um mobilizar-se e uma compreensão da função de seu papel na conquista do seu e de outros tantos sonhos; exige um olhar a mais para o aluno, um olhar verdadeiramente curioso sobre a ação educadora através de um fazer significativo.

É necessário salientar também que essa curiosidade séria em face do objeto ou do fato em observação, ao exigir de nós a compreensão do objeto, que não deve ser só descrito em sua aparência, nos leva à procura da razão de ser do objeto ou do fato. (FREIRE, 2003, p. 60)

Foi esse olhar diferenciado, redimensionado pela compreensão da Aprendizagem Dialógica, que motiva a prática das Ações Educativas de Êxito, por exemplo, pelo professor de Matemática, que aplica, com suas turmas de nono ano, os Grupos Interativos. O rendimento da turma melhorou, assim como as relações entre os alunos e entre estes e o professor. As dificuldades dos alunos foram melhor identificadas a partir do GI e o cuidado em supri-las de maneira mais diretiva – além de mais eficiente, gerou uma empatia entre os atores envolvidos (professor-alunos-comunidade).

Da mesma maneira, a cantineira da escola, que, motivada pelo afeto aos alunos, toma a frente como mediadora na realização das tertúlias junto a uma outra turma de nono ano. A valorização de uma inteligência cultural diversa daquela percebida no professor de Português também gera empatia e um novo sentido para a aprendizagem é gerado.

A presença dos pais na realização dos Grupos Interativos gerou novas e necessárias motivações para eles próprios e para a escola. E, aos poucos, uma grande teia, uma grande comunidade, é construída, transformando a escola em favor da aprendizagem. Ou melhor, de inúmeras aprendizagens.

Considerações finais

As Comunidades de Aprendizagem mudam não só a cultura de gestão escolar, elas mudam a cultura do olhar do professor sobre o aluno e sobre a aprendizagem. Cada vez mais o professor vai compreendendo que ensinar é impossível sem aprender junto e que só se aprende aquilo que, de algum modo, nos é significativo. Quando não se tem sentido, significado, para cada um dos componentes da escola, o trabalho não é desenvolvido e a escola não se transforma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONSTANTINO, Francisca; MARIGO, Adriana; MOREIRA, Raquel. Aprendizagem Dialógica: Base para Educação e a Transformação Social no Brasil. *Multidisciplinary Journal of Educational Research*, 1(1), 53-78, out. 2011. Disponível em: <<http://hipatiapress.com/hpjournals/index.php/remie/article/view/76/67>>. Acesso em: 15 maio 2017.

CREA-UB. INCLUD-ED: Estratégias para inclusão e coesão social na Europa a partir da educação. Barcelona: Universidad de Barcelona, 2011; Versão em Português. São Paulo: Instituto Natura, 2014. Disponível em: <<http://www.comunidadeaprendizagem.com/uploads/materials/12/740922c2359d3ca752de853bbb798930.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2016.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 31 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO Natura. *Comunidade de Aprendizagem*. Disponível em: <www.comunidadeaprendizagem.com>. Acesso em: 14 maio 2017.

MELLO, Roseli Rodrigues. Aprendizagem Dialógica: base para a alfabetização e para a participação. In: CONGRESSO de Leitura no Brasil, 14., Campinas: ALB – Associação de Leitura do Brasil, 2003.